



A participação dos ouvintes na geração de informação no rádio: Enchentes da década de 1980 e novembro de 2008 em Blumenau, a partir da percepção dos profissionais do meio¹

Everton DAROLT²

Clóvis REIS³

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC

RESUMO

O presente artigo tem o propósito de realizar uma análise da participação dos ouvintes na geração de informação durante a cobertura informativa das enchentes da década de 1980 e do desastre sócio-ambiental de 2008 nas emissoras de rádio de Blumenau (SC). Trata-se de uma pesquisa básica, qualitativa e descritiva, que emprega a revisão bibliográfica, a análise documental e a entrevista. O universo da pesquisa são os profissionais do meio que atuaram na cobertura das cheias. Os dados apontam a percepção dos entrevistados sobre o papel do rádio na prestação de serviços. Os profissionais entendem que os avanços tecnológicos ampliaram as formas de participação da audiência na programação. Os resultados destacam o rádio como meio de informação durante as calamidades e a participação da audiência como fonte de informação.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; Blumenau; participação dos ouvintes; informação no rádio; prestação de serviços.

INTRODUÇÃO

Em novembro de 2008, o maior desastre sócio-ambiental da história atingiu Blumenau. O excesso de chuvas no período provocou enchente, enxurradas em diversos bairros e inúmeros deslizamentos, deixando um rastro de destruição por toda a cidade e regiões próximas. Os números da tragédia são impressionantes: 103 mil pessoas atingidas, 25 mil desalojadas, 3.275 desabrigadas e 24 mortas, sendo três por afogamentos e 21 por soterramento. Estradas inteiras sumiram do mapa e as redes de energia elétrica e de abastecimento de água foram seriamente danificadas. (JORNAL DE SANTA CATARINA, 2008)

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestrando em Comunicação e Linguagens da Universidade TUIUTI do Paraná, e-mail: everton@furb.br

³ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação e Professor do curso de Graduação - Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Regional de Blumenau, e-mail: clovis@furb.br



Em ocorrências dessa natureza, os meios de comunicação desempenham um papel social fundamental, prestando um serviço de interesse público na informação e orientação da comunidade, que se sente completamente desamparada com a situação. Entretanto, a tragédia que devastou Blumenau em novembro de 2008 permitiu o acesso às informações de uma maneira mais abrangente que nas enchentes de 1983 e 1984, graças ao desenvolvimento das mídias tradicionais de massa e à ascensão de novas mídias eletrônicas, como demonstra um levantamento realizado pela prefeitura de Blumenau. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, 2008)

Neste estudo, em específico, as análises se baseiam na visão dos comunicadores que trabalharam na cobertura informativa das cheias da década de 1980 e 2008. O trabalho recolhe a percepção dos entrevistados sobre a participação dos ouvintes como fonte de informação na prestação de serviços durante as calamidades, com o objetivo de verificar a forma e quais as informações geradas pela audiência do rádio.

Os oito personagens que compõem a presente amostra são fundamentais para a concretização dos objetivos da presente pesquisa. Tais testemunhos são a memória dos fatos e acontecimentos históricos ainda não relatados bibliograficamente. Os relatos estão na memória dos personagens que fazem o meio acontecer e viveram aquele período. Sem o registro de tais fatos, o meio corre o risco de comprometer a sua própria história.

Este trabalho, cujo objetivo é gerar novos conhecimentos úteis para a compreensão e importância da cobertura informativa durante as catástrofes, se caracteriza como uma pesquisa básica. A pesquisa básica objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. (GIL, 1999)

Quanto à abordagem, esta investigação se classifica como pesquisa qualitativa. Não requer métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados. (GIL, 1999)

Do ponto de vista dos seus objetivos, esta pesquisa é descritiva, considerada de suma importância para descrever os fenômenos ocorridos nas transmissões radiofônicas e na internet durante as catástrofes. Esta metodologia é indicada para orientar a forma de coleta dos dados quando se pretende descrever determinados acontecimentos. (GIL, 1996; DENCKER, 2000)

Para a realização do presente trabalho, adotaram-se os seguintes procedimentos técnicos: a) Revisão bibliográfica; b) Análise documental; c) Levantamento de dados.



Para a coleta dos dados desta pesquisa, o principal procedimento foi a realização de entrevistas com os profissionais do rádio que atuaram na cobertura das enchentes das décadas de 1980 e do desastre ambiental de 2008. Segundo Dencker (2000), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais usadas nas ciências sociais. No presente caso, os entrevistados são locutores que atuaram e vivenciaram diretamente a experiência do fato ocorrido. Em concreto, entrevistaram-se os seguintes comunicadores:

- Carlos Braga Muller
- Enei Mendes
- Joelson dos Santos
- Jorge Theiss
- José Carlos Goes
- José Reinoldo Rosenbrock
- Paulo César da Silva (PC)
- Vilmar Minozzo

As entrevistas foram realizadas em uma conversa informal com um roteiro que, basicamente, se estruturava a partir do objetivo geral da investigação. Conforme Gil (1999), trata-se de um procedimento que se utiliza de informantes-chave, que são especialistas e personalidades de destaque na cena dos fatos. Os dados coletados foram gravados, transcritos e analisados. No presente artigo, apresenta-se parte dos resultados. A íntegra das informações faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado recentemente na Universidade Regional de Blumenau.

Formas de participação no rádio

O dramaturgo alemão Bertold Brecht (2000) destaca a importância de transformação do rádio como meio de distribuição para a comunicação, pois o rádio pode ser o maior meio de comunicação imaginável, um imenso sistema de canalização não só como transmissor, mas como receptor das mensagens. O ouvinte não apenas somente escuta o rádio, ele também fala com o rádio em um relacionamento participativo para gerar informação. (BRECHT, 2000)

Para Ferraretto (2001), o papel principal de uma emissora de rádio constitui-se, essencialmente, em uma prestadora de serviços e que fornece informação e entretenimento a sua audiência. Comercial, educativa ou comunitária, tem de se enquadrar em uma determinada legislação que regulamenta seu funcionamento e as relações com a emissora como um “centro de produção de programas”. (FERRARETTO, 2001, p. 41)



Ortriwano (1985) afirma que, entre os meios de comunicação de massa, o rádio é o mais popular e de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo. Constitui-se, muitas vezes, como o único que leva a informação para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais.

Confirmando a importância do emissor, Ortriwano (1985), apresenta o rádio como o meio de comunicação de massa sendo um dos mais privilegiados por suas características intrínsecas como: linguagem oral, penetração, mobilidade, emissão, recepção, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia.

Beltrão reforça a naturezas da tecnologia da seguinte forma:

Este status foi alcançado por dois fatores congregados: o primeiro, de natureza fisiopsicológica – o fato de ter o homem a capacidade de captar e reter a mensagem falada e sonora simultaneamente com a execução de outra atividade que não a especifique receptiva; o outro, de natureza tecnológica – a descoberta do transistor. (BELTRÃO, 1968, p. 112-113)

O papel do emissor, em primeiro lugar, é de transformar as informações de maneira compreensível ao receptor que hoje é um potencial ativo e participante do discurso radiofônico. As suas condições de igualdade com os interlocutores estão totalmente asseguradas, sendo impossível pensar em rádio sem a participação dos ouvintes na opinião sobre o meio, tornando o ouvinte participativo na programação e se identificando com o meio. A mensagem no rádio deixa de ser um monólogo. A simples escuta da atual programação radiofônica permite obter os conteúdos articulados em torno do diálogo entre os apresentadores e os ouvintes. (DAMAS, 2001)

É de extrema importância destacar que as emissoras de rádio que dão maior destaque à informação, são as que transmitem em AM (Amplitude Modulada – Ondas Médias). No extremo oposto, as FM (Frequência Modulada) geralmente apenas cumprem a lei no que diz respeito aos programas jornalísticos (ORTRIWANO, 1985). O perfil do rádiojornalismo praticado em municípios de Santa Catarina como Blumenau, Joinville e Florianópolis é marcadamente de prestação de serviços, de valorização cultural, de espírito comunitário, que explica-se também pelas origens da radiodifusão no Brasil. (MOREIRA, 2005)

Para Damas (2001), a participação da audiência se apresenta como um recurso que fundamenta e possibilita a presença dos ouvintes na programação do meio, as características desta participação nos programas e a finalidade da audiência nas intervenções dos conteúdos vêm sofrendo uma evolução constante.



No início, a participação da audiência era com a finalidade de divulgar e entreter tornando-se um elemento promocional para aumentar o prestígio da emissora. A participação dos ouvintes na programação acontece em geral nos programas de variedades, entretenimento, concursos e programas musicais (DAMAS, 2001). Hoje, a constante se inverte e a programação que mais tem a participação dos ouvintes é nos programas de cunho informativo, crítico e de reclames, diretamente pelo “telefone no ar”. (MCLEISH, 2001)

A audiência dos ouvintes, para Damas (2001), é quem define a programação dos horários da manhã, tarde, noite e madrugada. Cada período do dia tem um público ouvinte com características diferentes as quais são detectadas através da intervenção dos mesmos, criando uma espécie de gênero radiofônico da programação.

O público ouvinte em geral é constituído por indivíduos diferenciados, o que pode dar origem a diversas matérias úteis para as transmissões ao público, assuntos polêmicos ou que necessitam de mais aprofundamento no conhecimento. Estas informações merecem mais atenção, pois o público pode ter interesses pessoais nas informações ou gerando posições falsas sobre os fatos, distorcendo as informações. Do outro lado, situam-se as informações que podem ser reivindicações para a melhoria dos serviços públicos, como: saúde, tráfego, emergências sócio-ambientais, dentre outras situações do dia a dia da população. (ORTRIWANO, 1985)

As informações de utilidade pública e serviço

O termo utilidade pública vem do latim: *utilidade* (qualidade útil; serventia) e *publicu* do, ou relativo, ou pertencente ou destinado ao povo, a coletividade, opinião pública; bem-estar público; movimento público; que é de uso de todos; comum; da sociologia, agregado ou conjunto instável de pessoas pertencentes a grupos sociais diversos, e dispersas sobre determinada área, que pensam e sentem de modo semelhante a respeito de problemas, gostos ou movimentos de opinião. (TORRINHA, 1942)

A palavra serviço também se origina do latim *servitiu* (escravidão) tem vários significados embora dê impressão de consenso. É o ato de servir ou efeito de servir; obtenção e prestação de informações; é um trabalho formal ou informal etc. (TORRINHA, 1942)

Klöckner e Bragança trazem as diferenças entre utilidade pública e serviço:

A utilidade pública atende uma necessidade imediata dos ouvintes, enquanto o serviço atende uma necessidade social, presta orientação para as pessoas, o que necessariamente não precisa se imediato. Por exemplo, o pedido de sangue,



documentos perdidos, carro roubado, enchentes orientações de trânsito, falta de água e luz, agendamento de pagamento de imposto é utilidade pública. O serviço é constituído por orientações para a compra de material escolar mais barato, dicas de imposto de renda etc. (KLÖCKNER; BRAGANÇA, 2001, p.153)

O rádio traz produtos radiofônicos de serviço e informativos que levam o apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população que é atingida pelo sinal da estação. As informações de serviço se diferem das informações jornalísticas, pois têm um caráter de transitividade na qual indica movimento, circulação e trânsito o que faz o receptor das mensagens ter uma manifestação sinérgica ao receber as informações de serviço. (BARBOSA FILHO, 2003)

O rádio-serviço ultrapassa o simples oferecimento de informações de utilidade pública. A utilidade pública é serviço, mas não pode se reduzir serviço a utilidade pública. Em certas emissoras a prestação de serviços restringe-se a notas de utilidade pública, o que cria verdadeiras agendas de compromissos. O conceito de rádio-serviço é muito mais abrangente, pois envolve educação, saúde, luz, água, esgoto, trânsito, segurança e cidadania (KLÖCKNER; BRAGANÇA, 2001) e acima de tudo, sobre o tempo que serve para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras nas transmissões e recepções. (MCLUHAN, 1964, p. 335)

Podemos dizer, segundo Barbosa Filho (2003), que, nas rádios de pequenas localidades, os formatos de prestação de serviços e os formatos de jornalismo no rádio para a comunidade têm vida breve por acompanharem a dinâmica dos acontecimentos e sua transitoriedade.

Para os grandes centros tem-se uma visão oposta:

Existem atualmente, nos grandes centros, emissoras que mantêm uma programação exclusivamente voltada para o serviço. Assim, o ouvinte pode estar sempre atento às mudanças no fluxo do trânsito de sua cidade, às condições meteorológicas, a anúncios de concursos, aos preços dos alimentos, aos espetáculos artísticos em cartaz aos prazos de vencimentos de impostos e taxas etc. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 135)

O princípio do rádio se baseia em um conceito de educar, entreter e informar os ouvintes. Para Ferraretto (2001), o papel principal é de prestar de serviços, fornecer informação e entretenimento a sua audiência. Barbosa Filho (2003) complementa no viés de que em temas específicos as informações apresentadas são de interesse da população e denomina como rádio oportunidade. Um tipo de prestação de serviços que ganha força e projeção nos diversos meios e passa a ser conteúdo exclusivo em publicação e programação.



Faus Belau (1973) se ocupa do rádio como um meio de comunicação e de informação e o define como:

[...] um meio de comunicação de idéias-realidades (ambientes, fatos e acontecimentos), campos sonoros (reconstruções em sentido amplo) e criações culturais, cuja finalidade é permitir ao ouvinte um contato pessoal e permanente com a realidade circundante por meio da sua recriação verossímil. (FAUS BELAU, 1973, p. 176)

Balsebre e Faus Belau coincidem ao censurar a ênfase dada ao rádio como um meio de difusão, que segundo os autores, acentua o caráter “mercantilista” (BALSEBRE, 1994, p. 13) ou “instrumental” (FAUS BELAU, 1973, p. 132) do rádio. Acima das características “mercantilista” ou “instrumental”, o rádio tem outras funções e finalidades em sua origem, como os propósitos de informar, educar e entreter. (MUÑOZ; GIL, 1986, p. 17)

No rádio, o locutor é um amigo que aconselha, instrui, acalma, e que fala no volume e no tom adequado, o que estabelece uma audiência cativa e outorga à programação radiofônica uma parente individualização. Nesse mundo pós-mídia de massa, o rádio é o “meio pessoal definitivo”, como se refere Schulberg (1992, p. 1), ou o “mais pessoal dos meios de massa”, como o definem Russel e Lane (1993, p. 226).

Marshall McLuhan (1964) define a relação entre locutor, ouvinte e a experiência entre eles:

O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular. As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco. (MCLUHAN, 1964, p. 336-337)

De fato, as características que, em geral, se atribuem ao rádio denotam uma abordagem do meio desde uma perspectiva funcionalista. Com frequência, os estudos do meio destacam traços característicos do rádio como a instantaneidade, a simultaneidade, a mobilidade ou ubiqüidade (onipresença), a amplitude da cobertura, a proximidade ao ouvinte, a presença social, a gratuidade, entre outros aspectos. No processo de recriação da realidade através do rádio intervêm fatores como a fugacidade da mensagem, o suporte exclusivamente sonoro para o transporte do conteúdo, a distância entre o emissor e o ouvinte, e as condições de recepção de um público indiscriminado. (FAUS BELAU, 1973, p. 177)

Desta forma, pode-se dizer que a prestação de serviço no rádio é um dos produtos mais consumidos pelos perfis segmentados de ouvintes das mais diversas programações das rádios.



A abordagem regional tem um apelo muito mais forte e cativante entre a relação com os locutores, que passam as informações, e os ouvintes, que buscam pela utilidade pública.

Nas informações de prestação de serviços, tem-se vários gêneros jornalísticos que facilitam as divisões dos formatos em seus pontos de vista como: nota, notícia, *flash*, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, dentre outros que compõem a programação.

A cobertura do rádio nos desastres ocorridos na cidade de Blumenau

No período das cheias da década de 1980, mais especificamente nos anos de 1983 e 1984, a participação dos ouvintes no auxílio com as informações foi essencial nestes períodos de crise, algo fora do normal. (ROSEMBROCK; MULLER, 2009). Naquele período o rádio era a única possibilidade de informação efetiva e rápida que as pessoas tinham acesso durante as cheias. A velocidade com a qual se disseminavam as informações foi de suma importância. O rádio era até considerado o meio de informação mais rápido e eficiente e o meio se tornou o grande elo entre a família em casa e a pessoa que estava ausente e sem notícias.

A participação dos ouvintes na década de 1980 teve como primeiro objetivo a busca de informações de familiares, parentes e conhecidos que estavam sem notícias. Logo em seguida, informações das cotas do nível do rio Itajaí-Açu para o cálculo de onde e o horário em que as águas poderiam atingir as residências. Por fim, os pedidos de socorro, alimento e transporte. Toda a participação contou com o auxílio do precário sistema telefônico da época.

A cobertura do rádio no desastre sócio-ambiental de 2008 teve início no sábado, dia 22 de novembro. No início da tarde ocorreu o primeiro *flash* ao vivo para Rádio Nereu Ramos, onde toda a equipe de Jornalismo da emissora iniciou a cobertura da catástrofe.

A intenção dos locutores era realizar boletins dos acontecimentos. Porém, ao chegar à rádio, bastou abrir o microfone e dar início a transmissão para os telefones não pararem mais de tocar. A população pedia ajuda, buscava informações, socorro e a presença da Defesa Civil era uma das principais reivindicações. Dois apresentadores se revezavam atendendo ligações, havia repórteres na rua nos lugares onde havia acesso, ouvindo a população e principalmente atendendo a comunidade por telefone. (PC; GOES; THAESS, 2009)

As transmissões eram realizadas ininterruptamente por 24 horas, o que não é a programação normal das rádios AM da cidade, cujo término de sua operação encerra por volta das 22 horas. Porém, devido aos acontecimentos e a necessidade de levar informação aos



ouvintes, o rádio tornou-se a única forma de comunicação das pessoas que começaram a viver momentos marcantes, motivados pelos desastres. (GOES, 2009).

Nos momentos em que as pessoas estavam sem telefone e sem energia elétrica, devido aos cortes pelos níveis das águas e quedas de barreiras, o rádio a pilha era o único equipamento que funcionava. Os ouvintes precisavam de informações. Sendo assim, a rádio se manteve no ar para informar, mantendo a prestação de serviços. A maior dificuldade nas transmissões em 2008 foi a falta de energia elétrica, tendo vários cabos de energia danificados, impossibilitando a chegada de energia nos estúdios e nos transmissores das emissoras. (SANTOS, 2009)

Além das emissoras AM, a cobertura do desastre de 2008 foi diferenciada das outras enchentes nas emissoras de rádio de Blumenau. A FURBFM foi uma exceção. A mesma retransmitia a apresentação das emissoras FURB-TV, TV Galega e TV Legislativa as quais foram as únicas a permanecerem no ar (MINOZZO, 2009). Em novembro de 2008, na voz de Minozzo, a rede de rádio CBN Nacional recebeu em média de 3 a 4 boletins por dia veiculavam na programação nacional da emissora CBN, a qual informou durante 30 dias o Brasil, com depoimentos da população, autoridades e com informações mais específicas dos acontecimentos. (DAROLT, 2009)

Braga Muller, um dos principais locutores das enchentes das décadas de 70 e 80, e ouvinte durante a catástrofe de 2008, percebeu uma cobertura maior pela área da televisão, e que operaram em rede eficiente. As rádios também transmitiam em cadeia no passado, motivadas pelo número de emissoras que sofriam as conseqüências das enchentes. Essa união teve extrema valia para as transmissões e para a prestação de serviços aos ouvintes. Em novembro de 2008, a situação foi atípica na região devido aos deslizamentos. Os comunicadores não sabiam de que forma agir com tal situação, até então nunca vivida. Para a imprensa foi terrível analisar a situação que estava ocorrendo e repassar as informações para a população. (MULLER, 2009)

O advento das novas tecnologias soma-se às transmissões de novembro de 2008. A telefonia, em destaque a móvel, colaborou para a eficiência das transmissões, facilitando os contatos emergenciais e permitindo os relatos emocionantes dos ouvintes dos locais onde aconteciam os fatos. A internet também fez parte do cenário de auxílio à população, oferecendo informações que podiam ser acessadas no mundo todo. A disseminação das informações mobilizou quase que instantaneamente o Brasil, desencadeando uma rede da solidariedade.



A população e a segurança pública durante as cheias

Na década de 1980, as rádios consultavam a Defesa Civil sobre o nível do rio o que não era muito preciso devido à precariedade tecnológica. Na época, a população não teve tanta participação no fornecimento de informações. Alguns ouvintes informavam os locais onde as águas já estavam chegando e devastando a cidade, assim, colaborando com a Defesa Civil.

Uma das bases mais confiáveis de informação, em 1983 e 1984, foi o rádio-amador. Os órgãos da segurança pública, como a Defesa Civil, o Corpo de Bombeiros e a CELESC (Central Elétrica de Santa Catarina), prestavam toda e qualquer informação pelo sistema de rádio-amador. Já em 2008, não houve participação expressiva dos rádio-amadores. (MENDES, 2009).

Em novembro de 2008 os órgãos da segurança pública estavam ligados às emissoras no gabinete de crise da prefeitura. O local funcionou como base operacional da segurança da cidade, contando com o Corpo de Bombeiros, Defesa Civil e, em um segundo momento o Exército. (MENDES, 2009).

De um lado, a população aflita clamava por socorro e segurança em seus relatos emocionados veiculados nas transmissões radiofônicas. Do outro lado, no QG da prefeitura, tinha-se o conhecimento de que a segurança estava ouvindo estes relatos. O pronto atendimento da segurança foi direcionado aos casos mais urgentes. Várias pessoas em extrema necessidade foram salvas graças a esta ponte entre ouvinte, emissora de rádio e segurança pública. A cidade estava em estado de emergência, os serviços básicos foram cortados, a comida entrava em escassez, as casas começaram a ser levadas pelas águas e soterradas pelas avalanches de barro vindo dos morros.

Pode-se perceber que os órgãos da segurança pública tiveram juntos ao rádio uma parceria fundamental, uma vez que toda a comunicação da cidade parou de funcionar, enquanto o rádio permaneceu em pleno funcionamento, informando e prestando serviços ao público ouvinte, que interagiu com informações das localidades atingidas.

As mensagens veiculadas durante a catástrofe

O ouvinte ligava e entrava no ar. Era um volume muito grande de ligações e não havia efetivo na equipe para realizar a verificação de conteúdo. Ocorriam situações: pessoas que estavam perdendo tudo na enchente e as que queriam notícias de parentes. Desta forma, o



filtro as informações poderia prejudicar o atendimento aos ouvintes, o momento era de prestação de serviços. Uma busca por mais linhas telefônicas ocorreu para se ter mais participações dos ouvintes diretamente no ar. Os profissionais que estavam ao vivo, na medida do conhecimento de cada um, orientavam e prestavam o auxílio possível para tranquilizar a população. (THEISS, 2009)

Os locutores que ficavam no ar não tinham como verificar a procedência das ligações, pois o momento era de calamidade pública. Segundo Joelson (2009), havia a identificação da pessoa que ligava, mencionando o seu nome, endereço e já se seguia com a participação ao vivo. Assim, com o decorrer da conversa, ocorria um detalhamento das situações.

Este procedimento não era o mesmo do dia-a-dia. O critério era prestar serviço à comunidade e o papel da emissora naquele momento crítico era de prestar auxílio através de informação. A prioridade era o ouvinte. Fatos irrelevantes de reclamações não iam para o ar, pois através do contato diário com os ouvintes a emissora já conquistara a confiança dos mesmos. Não havia incidência de trotes. No momento de calamidade, tinha-se a certeza de que ninguém iria usar a situação vivida pela cidade para fazer brincadeiras, criando alarmes falsos para a população.

Mensagens e pedidos de socorro seguidos de depoimentos emocionados, informações de busca e localização de familiares, pedidos de alimentos, medicamento, água potável, etc., eram as mensagens que mais circulavam. Os ouvintes faziam uma ponte informando os órgãos da segurança pública sobre os deslizamentos, quais ruas estavam alagadas, áreas que estavam isoladas, quedas de pontes que impossibilitavam o acesso para o socorro, etc.

Considerações finais

O propósito deste trabalho foi o de verificar a participação dos ouvintes na geração de informação durante as catástrofes de Blumenau (SC) em novembro de 2008.

Assim, foi possível descrever a atuação das emissoras de rádio na cobertura das catástrofes. As características do meio descritas por Faus Belau (1973), como a instantaneidade, a simultaneidade, a mobilidade ou ubiqüidade (onipresença), a amplitude da cobertura, a proximidade ao ouvinte, a presença social e a gratuidade, destacaram-se na análise. No caso de 2008, o apoio das novas tecnologias (como a telefonia móvel) possibilitou maior mobilidade na cobertura e na participação dos ouvintes, com informações ao vivo diretamente dos locais mais atingidos.



Desse modo destaca-se que o rádio teve uma atuação destacada, intermediando as relações entre a população e os órgãos da segurança pública, o que confirma a sua importância na prestação de serviços. Entre as solicitações dos ouvintes, incluía-se os pedidos para a localização de familiares, parentes e amigos, os pedidos de socorro, transporte, alimentos, água potável e outros serviços de atenção básica.

Tais considerações reforçam o papel social do rádio. Acima do caráter “mercantilista” e “instrumental”, aos quais se referem Faus Belau (1973) e Balsebre (1994), o meio tem em suas origens os propósitos de informar, educar e entreter, como apontam Muñoz e Gil (1986) e Ferraretto (2001).

Por meio do rádio também entra em cena a solidariedade da audiência, oferecendo auxílio e apoio a todo e qualquer pedido da população aflita, o que realça a proximidade do rádio com a comunidade na qual atua. De fato, o rádio é o principal meio para a circulação das informações locais, configurando-se como o “tambor tribal”, do qual fala McLuhan (1964).

A intervenção dos ouvintes aconteceu diretamente pelo telefone, o que explica a participação massiva dos ouvintes nas transmissões radiofônicas durante o desastre. O telefone foi peça fundamental nas transmissões. A telefonia móvel facilitou a participação dos ouvintes, articulando o diálogo entre os apresentadores dos programas e os ouvintes. Neste diálogo intimista, percebe-se o rádio como um “meio pessoal definitivo” (Schulberg, 1992) ou como o “mais pessoal dos meios de massa” (Russel e Lane, 1993). Tal relação se dava diretamente dos pontos atingidos, de onde os ouvintes relatavam o cenário da tragédia, mobilizando a Defesa Civil e os demais ouvintes.

Passados 25 anos entre uma tragédia e outra, o rádio manteve-se como principal meio de comunicação durante as calamidades, uma vez que os outros meios de comunicação de massa, por motivos técnicos e operacionais, não puderam exercer suas atividades. As melhorias na tecnologia fixa, a ascensão da telefonia móvel e da Internet, beneficiaram a qualidade e a abrangência das transmissões.

REFERÊNCIAS

BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofónico**. Madri: Cátedra, 1994.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.



BRECHT, B. **Ao pequeno aparelho de rádio.** In: *Poemas*. 1913-1956. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.

DAMAS, S. H. **La participación de los oyentes en los programas de radio.** In MARTÍNEZ-COSTA. M. P. Reinventar la radio: Actas de las XV Jornadas Internacionales de la Comunicación. Pamplona: Ediciones Eunete, 2001. p. 157-166.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** São Paulo: Futura, 2000.

FAUS BELAU, A. **La radio:** Introducción al estudio de un medio desconocido. Madri: Guadiana, 1973.

FERRARETO, L. A. **Rádio:** O veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 6 e 7 de dezembro GOES, J. C. **Entrevista concedida.** Blumenau, 8 mai. 2009.
de 2008.

KLÖCKNER, L; BRAGANÇA, M. A. **Rádio Jornalismo de serviço .** AM e FM em tempos de internet. In: SONIA, V. M; NÉLIA, R. D. (org). Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 249-168.

MCLEISH, R. **Produção de rádio:** Um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.

MENDES, E. **Entrevista concedida.** Blumenau, 19 mai. 2009.

MINOZZO, V. **Entrevista concedida.** Blumenau, 5 mai. 2009.

MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica.** In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 269-279.

MOREIRA, S. V. **O rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

MULLER, C. B.. **Entrevista concedida.** Blumenau, 20 mai. 2009.



MUÑOZ, J. J.; GIL, C. **La radio**: Teoría y práctica. Madri: IORTV, 1986.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio**: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. **Relatório Imprensa**: Operação Esperança. Blumenau, 2008.

ROSENBROCK, J. R. **Entrevista concedida**. Timbó, 21 mai. 2009.

RUSSEL, J. T.; LANE, W. R. **Kleppner's advertising procedure**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

SANTOS, J. **Entrevista concedida**. Blumenau, 4 mai. 2009.

SCHULBERG, B. **Publicidad radiofónica**. Cidade do México: McGraw-Hill, 1992.

SILVA, P. C. **Entrevista concedida**. Blumenau, 8 mai. 2009.

THEISS, J. **Entrevista concedida**. Blumenau, 8 mai. 2009.

TORRINHA, F. **Dicionário latino português**. Porto: Ed Porto, 1942.